



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - UNIFAL-MG

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 714. Alfenas/MG. CEP 37130-000

Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



Discente: Ianca Natacha Dias dos Reis

Matrícula: 2022.1.45.020

Um “i” a mais, muita coisa por trás

Já ouviu alguém dizer “pissicólogo”, “adivogado”, com um “i” entre os grupos consonantais “ps” e “dv”? Este é um fenômeno curioso e comum que ocorre na fala: a epêntese.

A epêntese é um fenômeno fonológico que ocorre quando um som, geralmente uma vogal, é inserido em uma palavra para facilitar sua pronúncia. Esse processo é comum no português brasileiro quando certas combinações de consoantes, conhecidas como ataques complexos, não são permitidas pela estrutura silábica da língua.

Mas afinal, o que é um ataque silábico complexo?

Antes de responder, é importante entender como se organiza uma sílaba. A sílaba é uma unidade sonora formada por partes menores chamadas de constituintes silábicos. Ela pode conter até três partes:

- Ataque: consoantes que aparecem antes da vogal.
- Núcleo: é o som central da sílaba e o único elemento indispensável em sua formação. No português brasileiro, o núcleo será sempre uma vogal.
- Coda: consoantes que aparecem depois da vogal.
- Rima: o núcleo e a coda, juntos, formam a rima.

Por exemplo, na palavra “mar”, temos:

Ataque: m

Núcleo: a

Coda: r

A estrutura silábica mais comum no português é a CV (consoante + vogal), como em “má”, mas há sílabas com ou sem ataque e com ou sem coda.

Em uma sílaba, o ataque é o conjunto de consoantes que aparece antes da vogal, que é chamada de núcleo, como já foi mostrado. Quando esse ataque é formado por mais de uma consoante, ele é considerado complexo. Por exemplo, na palavra “prato”, a sílaba “pra” tem um ataque complexo: “pr”.

O português brasileiro aceita apenas alguns tipos específicos de ataques complexos, dispensando a epêntese nesses casos. Os ataques permitidos geralmente seguem o seguinte padrão:

- Consoantes oclusivas como /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/ seguidas de /l/ ou /r/.

Exemplos:

- prato /pr/
- blusa /bl/
- grito /gr/
- claro /kl/

Já nos ataques complexos que não são aceitos na estrutura silábica do PB, há a inserção de uma vogal para separar as consoantes em sílabas diferentes, é aí que ocorre a epêntese.

Ataques em que geralmente ocorre a epêntese:

- /pn/, /pt/, /ps/, /bd/, /tm/, entre outros.

Nesses casos, o falante insere uma vogal entre as consoantes, resultando em formas como:

- pneu → pineu
- psicólogo → pissicólogo
- abdicar → abidicar

Esse mecanismo evidencia como a fonologia da língua se ajusta para tornar a fala mais fluente e natural aos seus falantes, sempre respeitando os padrões silábicos do PB.

A fonologia, ramo da linguística que estuda os sons a partir de sua representação mental, explica a inserção da vogal como um recurso natural do sistema da língua. Trata-se de um mecanismo inconsciente utilizado pelos falantes para manter a fluência da fala.

Dessa forma, quando ocorrem ataques complexos que não são aceitos pela estrutura silábica do português brasileiro, o próprio sistema linguístico recorre à epêntese, inserindo uma vogal para adequar a palavra às regras fonológicas do idioma.

Mas isso é um erro?

Não, a epêntese não é um erro de pronúncia, é um recurso natural da fala, que mostra como a língua se adapta aos seus falantes. Por isso, se você é professor ou estudante de Letras, vale a pena olhar com mais atenção para aquilo que parece ser apenas um “erro” de fala. A epêntese nos ajuda a entender como as variações surgem e como nosso cérebro lida com os sons na hora de falar. E a linguística nos mostra que variações são parte viva da língua, reconhecidas pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que defende a oralidade como parte essencial da aprendizagem.